

FEBASP-CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

MAYRA LACERDA MADUREIRA

ARTE E PARADOXO NA PROPAGANDA NAZISTA

SÃO PAULO

2013

MAYRA LACERDA MADUREIRA

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Artes Visuais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Amed

São Paulo

2013

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática da Arte como ferramenta modelizadora com a finalidade de comunicar, veicular e fomentar os princípios políticos e ideológicos do Nazismo, ao mesmo tempo em que vem a se constituir um dos pilares mais importantes para a propaganda de Guerra. Primeiramente, fizemos uma breve abordagem do momento histórico, nos atendo aos principais personagens da propaganda da época e dos germes que alicerçaram o nascimento desta utopia. Desse modo, partimos para uma análise de cunho pictórico e simbólico escolhendo algumas imagens da época para poder fundamentar a pesquisa realizada. Toda essa análise suscitou uma reflexão quanto ao poder do belo que, ao vincular-se à produção da propaganda nazista, serviu como estandarte para propagar o mal e desse modo, revelar o paradoxo existente na ideia da beleza como mote para gerar a destruição e o extermínio.

Palavras-chave: Nazismo. Propaganda de guerra. Paradoxo. Arte do período nazista.

ABSTRACT

This study brings to a focus and discusses Art as an important modeling tool, with the main purpose of communicating, diffusing and promoting the political and the ideological principles of Nazism and one of the most important vehicle of War Propaganda. First, a brief overview of that historical period was made presenting the biggest chiefs of propaganda of that time. Subsequently some particular propaganda images of the period were studied in order to relate with the ideas of the analysis proposals. At the end, a reflection about the power of beauty as an important element for the Nazi Propaganda as significant flag to propagate the evil by itself, showing the paradox in the idea of beauty creating destruction and extermination.

KEYWORD: Nazism. War Propaganda. Paradox. Art of the Nazi Period.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho científico é, em primeiro lugar, analisar através de dados e pesquisas históricas os métodos de propaganda utilizados durante a Alemanha Nazista e em especial elementos da Arte usados na propaganda nazista. Com este enfoque, utilizaremos como recorte experimental a análise visual de cartazes e panfletos da época, lançando mão de suportes históricos tais como filmes, documentários, livros, enciclopédias e biografias, podendo melhor mostrar quais as ferramentas propagandísticas que foram recorrentemente usadas à época.

Consideraremos desenvolvendo a propaganda como Arte, qual o seu papel dentro da máquina nazista, suas consequências e os seus efeitos até o culminar da Segunda Guerra Mundial. Para aprofundar esta análise, definiremos os aspectos formais e pictóricos das imagens que os nazistas propagavam, os efeitos psicológicos que a nação alemã foi submetida, demonstrando o quanto as massas podem ser conduzidas, manipuladas, modelizadas e manobradas por poderosas e hipnóticas mensagens da propaganda, no caso, de cunho filosófico ideológico, político-econômico e belicista-armamentista.

Para o presente estudo, analisaremos a figura de Joseph Goebbels como ponta pé inicial, o livro da filósofa Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a Banalidade do Mal*, dois filmes de Peter Cohen, *Arquitetura da Destruição* e *Homossapiens 1900*, e para a análise dos cartazes, o livro *Testemunha Ocular* de Peter Burke entre outras obras consultadas.

1. Desenvolvimento

1.1. Fatos e elementos, pressupostos do Nazismo na História das Mentalidades

A propaganda na Alemanha teve duas fases, a que precede a tomada do poder do Partido Social Socialista, que tentava converter opositores do regime e convidar os que ainda desconheciam a NSDAP para ingressar no partido, e a posterior, na qual o intuito era apresentar as soluções do partido como as únicas existentes para uma Alemanha melhor. Através desta propaganda, população foi “convidada” a partilhar do imaginário nazista, e com o avanço iminente da guerra, isso se concretizou.

Hitler, antes de virar chanceler, trabalhava no ministério da propaganda, por isso já era grande estudioso e conhecedor das técnicas necessárias para uma propaganda eficaz. Mentiras, calúnias, distorções e o terrorismo, eram as principais ferramentas. A ideia era sintetizar o ódio da população para um inimigo por vez, sejam os judeus, sejam os russos comunistas entre outros. Seus cartazes eram simplistas, de fácil compreensão, porém, extremamente radicais pelas imagens fortes e impactantes.

A propaganda nazista também se aproveitou das técnicas utilizadas pelo Partido Comunista Alemão (KPD). A ideia de desfiles e marchas extremamente organizadas, a imagem do povo vitorioso e poderoso, sempre bem vestidos, asseados, com diversos hinos e bandeiras, geraram na população adoração pelo nazismo, e hoje podemos ter a noção do quanto foi manipulada a mente dos alemães.

A maioria dos cartazes tinha Hitler como um salvador. Hitler era a última esperança, a única solução, o escolhido. Aquele que veio para salvar o planeta dos impuros que sujavam a terra. Outra característica empregada pela propaganda de Hitler era o terror. Com ele, a sociedade é manipulada facilmente, é vigiada e organizada pelo medo, assim, perdendo totalmente sua liberdade. O chamado totalitarismo existe somente quando todos os indivíduos estão conquistados, não havendo forma de resistência, se transformando em objetos e ferramentas de algo maior, como uma máquina do poder.

Quando virou Fuhrer, Hitler sonhava por uma propaganda fanática. Queria que todos do partido amassem suas ideias e morressem por elas. Em janeiro de 1933, criou o Ministério da Propaganda, na qual o diretor encarregado foi Joseph Goebbels. Em todos os prédios, ruas, e lugares havia cartazes impressos com a propaganda nazista, com slogans e símbolos do partido. O objetivo do Ministério era que a mensagem nazista fosse transmitida através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádio,

materiais escolares e principalmente pela imprensa.

1.2. Sobre Goebbels

O pilar da propaganda nazista foi a figura de Paul Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda Nazista. A biografia de Alan Wykes sobre Goebbels relata a vida do Ministro fazendo referências à sua infância, seus estudos e à sua família, narrando os principais passos de sua vida até a chegada ao poder, como braço direito de Adolf Hitler. Goebbels tinha um problema físico nas pernas, era um homem baixo, não tendo nenhuma relação com aparência desejada pela utopia sonhada por Hitler de um povo alemão de arianos perfeitos, e mesmo assim se tornou um líder, porque tinha o controle do gesto e da palavra. O livro em si não é uma crítica a Goebbels, ele não é retratado como um monstro, e sim como um homem de origem simples que através dos estudos se tornou um homem de inteligência astuta, com incrível capacidade da oratória e capaz de criar e desenvolver ferramentas eficazes na propaganda para seduzir as massas.

Seus métodos hoje são considerados impróprios. Havia um tom irônico e hipócrita em sua oratória, além de difundir valores ignóbeis, que eram contra os direitos humanos, não media esforços para o povo acreditar em fatos mentirosos. E é com esses métodos, que Goebbels é aquele que até hoje, é lembrado como o pai da propaganda de guerra. Ele sabia como ninguém organizar os ideais nazistas, provocando tensão e emoção com apenas palavras e frases certeiras, na maioria das vezes extremamente dramáticas e violentas, e através dos cartazes, que eram distribuídos pelas cidades alemãs, pelos jornais, revistas e rádios, os objetivos de Hitler eram difundidos pela nação. A linguagem de Goebbels era carregada de uma eloquência ironista, um perfeito orador/escritor que empregava frequentemente a ironia e a falsidade em suas palestras frente ao partido, porém suas frases eram limpas e claras, e logo muito bem compreendidas pelas massas. No auge das eleições em setembro de 1930, numa sessão com mais de 200 membros do partido, ele diz:

“O propagandista tem que construir sua própria verdade. O que for útil ao progresso do partido é verdade. Se coincidir com a verdade real, tanto melhor; se não coincidir, será preciso fazer adaptações. A grande e absoluta verdade é que o partido e o Fuhrer estão certos. Eles estão sempre certos.”(WYKES, 1975. pag. 65).

Goebbels era o encarregado de colocar em prática os princípios formulados pelo seu Fuhrer, por quem tinha uma admiração acima do normal. Sua propaganda era eficaz através de elementos essenciais: fórmulas estereotipadas repetidas persistentemente,

uma preparação para a plateia ouvinte, como um ritual, onde havia música e grandes cerimônias, hinos de efeito hipnótico, onde eram transmitidos os fundamentos da ideologia nazista, como pureza racial, desprezo pelos judeus, Hitler como o messias salvador, etc. Às vezes essas ideias nazistas surgiam camufladas nos diálogos, por outras, eram explícitas e chocantes, conseguindo assim criar uma tensa atmosfera emocional. A propaganda feita por Goebbels era dirigida principalmente contra os considerados indignos de viver nesta nova Alemanha, utilizando-se de elementos psicológicos e de exaltação nacional, conseguindo criar o ódio dos alemães pelos judeus, negros, homossexuais e deficientes.

Goebbels escrevia um diário, no qual revelava suas principais ideias, os acontecimentos dentro dos bastidores do partido nazista, suas amantes, enfim, sua vida pessoal. Todavia, mais tarde foi confirmando que em alguns de seus relatos havia informações contraditórias e/ou mentirosas, ou seja, Goebbels inventava situações favoráveis a ele e a seu Führer, criando uma história romanceada sobre si mesmo. Ali também é possível confirmar sua extrema idolatria por Hitler, onde há relatos dos comícios e reuniões do partido na qual o líder falava e ele ficava admirado e emocionado. Até no dia de sua morte, após o suicídio de Hitler, Joseph Goebbels mostra sua veneração pelo Führer, envenena seus filhos e ordena que o matem e a sua mulher também, para depois serem carbonizados. Assim, ele provou definitivamente seu amor fanático por seu líder, não o abandonando até o fim.

1.3 Sobre a Banalidade do Mal

Outro objeto de nossa pesquisa foram alguns dados da biografia de Adolf Eichmann, tenente-coronel da SS que foi o responsável pelas manobras de evacuação dos judeus para os campos de extermínio. Para tanto, utilizamos o livro de Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*, que documenta fielmente o julgamento deste homem anos após da guerra, onde foi possível ter uma ampla noção histórica sobre o que é o antissemitismo, a problemática da questão judaica e da Solução Final.

Eichmann, no modo como Arendt descreve, era um homem ingênuo, porém extremamente manipulador. Durante todo seu julgamento em Israel, considerava-se inocente e desculpava-se dizendo que estava somente cumprindo ordens e que sua tarefa era o simples assinar de papéis. A autora discorre e analisa seu modo de falar e

agir perante o tribunal e as diversas distorções da realidade que Eichmann relata e que faziam parte da terrível engrenagem do sistema nazista.

No livro, Arendt quer evidenciar a expressão criada por ela, a Banalidade do Mal, ou seja, quando um indivíduo é submetido a seguir a certas regras de conduta, como no caso, as do nazismo, ele se torna somente uma ferramenta, uma engrenagem do sistema, não tendo assim sequer poder ou qualquer discernimento sobre seus atos. Para a autora, Eichmann agiu não como um homem doente psicologicamente, como muitos julgaram, ou por ter uma alma cruel, mas sim como um indivíduo preso à máquina cruel do nazismo, um homem que queria subir na carreira, tinha vergonha e medo de sair daquele sistema de extermínio e para isso fez o que fez. Ele tinha consciência de seus feitos e quão terríveis eles eram, sendo ele o principal articulador do transporte de milhares de judeus para os campos de extermínio.

Segundo a análise de Arendt, nos testemunhos de Eichmann, havia certo tom de ingenuidade, seus relatos por diversas vezes eram distorcidos e sem coerência, com uma linguagem carregada de frases feitas e de caráter burocrático. Seu comportamento era a de um homem simples, de classe média, trabalhador, com esposa e filhos, porém um indivíduo medíocre, sem personalidade e além de uma incrível incapacidade de pensamento autocrítico, tudo alicerçado no arcabouço filosófico nazista que resulta na obediência total cega ao sistema. Eichmann agia como Pôncio Pilatos,

“à medida que passavam os meses e os anos, ele perdeu a necessidade de sentir fosse o que fosse. (...) ele cumpria seu dever, seus atos eram os de um cidadão respeitador das leis.” (ARENDR, 1999. pag. 152).

Esse confronto entre a banalidade do mal e a ética está em todo o livro. A moral neste julgamento é posta em dúvida, porque, em primeiro lugar, não se trata só de um julgamento de um homem que praticou crimes contra a humanidade, mas sim de uma grande rede de intrigas, no meio da política, religião e embate entre poderes.

1.4 Sobre Homossapiens 1900

Para melhor entender a origem das ideias de antissemitismo dentro da Alemanha, e entender os ideais nazistas, analisamos o documentário *Homossapiens 1900*. Do mesmo diretor do filme *Arquitetura da Destruição*, o sueco Peter Cohen, este documentário realizado em 1998, é um relato histórico sobre a eugenia (higiene racial) no mundo, seu

desenvolvimento como ciência e política, e utilizada como umas das principais ferramentas de destruição e “limpeza” das raças. Um filme dramático e chocante, onde há sequências de filmes da época e fotografias, nomes de médicos e cientistas envolvidos, além de referências a outros filmes e propagandas da época, que tinham como principal objetivo mostrar os conceitos racistas e antissemitas, desde sua gênese bem como instrumentos práticos como a esterilização e outras vertentes purificadoras, embasadas numa incrível manipulação ideológica.

A utopia do ser humano perfeito, ideal em equilíbrio e beleza era o que estes agentes da eugenia (cientistas, historiadores, biólogos) mais procuravam e desejavam. Entretanto, utilizavam-se de métodos radicais, sem escrúpulos, passando literalmente por cima daqueles que atrapalhavam este objetivo, ou seja, o objetivo era eliminar aqueles considerados imperfeitos, degenerados, inferiores, deformados, incapazes, e principalmente, raças consideradas inferiores, ou seja, negros, orientais, índios, judeus. A evolução da ciência durante todo o sec. XX foi o principal instrumento para o desenvolvimento deste pensamento onde a esterilização racial, foi considerada por muitos, essencial para a sociedade moderna.

Através deste tema polêmico e degradante, o documentário aborda o surgimento deste movimento racista, entrelaçado entre ciência e política que subverteu as pessoas, levando-as a acreditar que uma vida melhor seria excluir e exterminar qualquer resquício destes humanos considerados inferiores. O termo eugenia foi criado em 1883 pelo cientista inglês Francis Galton, passando pelos estudos ligados à biologia de Lamarck, as teorias evolucionistas de Darwin, as teorias da genética de Mendel, citando ainda as ideologias de pureza racial que havia na Rússia, que também durante o governo de Lenin acreditava que era necessário criar um novo e eficiente ser humano. O documentário quer desmitificar a ideia que somente na Alemanha nazista houve esta seleção artificial, e como esta ideologia persistiu por anos com a ajuda da ciência.

O documentário Homossapiens também relaciona estes estudos científicos com o ramo da Arte e no modo que esta interfere no incentivo à eugenia. A arte é produto sublime da autocontemplação, e nós como ocidentais, que temos o conceito do belo e do harmonioso, a imagem nos aspectos dentro do clássico Greco-romano das artes plásticas, devemos nos perguntar: como os artistas conseguiram criar estátuas e desenhos, na qual o homem ali representando é melhor, mais perfeito que nós mesmos? Assim, nós então devemos nos sentir impotentes perante as obras de arte e fazer o

possível e o impossível para buscar tal perfeição, através de métodos naturais e/ou artificiais para poder nos assemelhar a elas, e desta forma, criar um super-homem moderno, idealizado pela ciência, pela medicina e pela arte.

Visto desta forma, não parece um grande problema já que existe sim uma busca pelo corpo e mente ideais, principalmente se levarmos em conta os estudos da medicina para tentar curar doenças genéticas. Porém, o modo como esta ideologia foi tratada, ao considerar que os degenerados e inferiores deveriam ser exterminados e eliminados até não sobrar ninguém para atrapalhar os planos desta verdadeira ambição, foi feito de uma forma extremamente brutal e desumana.

A expressão máxima desta ideologia se deu no regime nazista, onde se entrelaçaram a inteligência humana com loucura e o decadente espírito do ser humano. A fixação por buscar o belo e perfeito nos seres humanos se tornou uma verdadeira obsessão, um sonho utópico que é interferir na natureza humana para selecionar os mais ``aptos`` e os que mereciam viver na Terra. Os métodos mais sofisticados neste sentido foram utilizados no Holocausto, revelando-se verdadeiros crimes contra a Humanidade, quer pela sua violência, quer pela sua aberrante insanidade.

É possível correlacionar esses conceitos com a sociedade atual. Até os dias de hoje queremos ser perfeitos, no mesmo patamar da beleza estética aos moldes do clássico grego. Isto é verdade irrefutável. Queremos ter um belo nariz, com narinas mais fechadas e ponta delicada. Além do físico ereto, musculoso e magro, orelhas pequenas, cabelos lisos, bocas carnudas e altura elevada. Esse padrão está por toda a nossa volta. Nas bancas, nas vitrines, nas propagandas, na televisão. Hoje em dia esta mensagem não é passada através de violência física, mas é perpetrada incessantemente em nossas mentes através da mídia em pleno século XXI.

1.5 Sobre Arquitetura da Destruição, Arte e Ideologia.

Em meio a pesquisas de livros e documentos pudemos analisar o filme *Arquitetura da Destruição*, conhecido por ser um documentário que narra de modo fiel e claro as diversas e muitas formas que os agentes da ideologia nazista se utilizaram para torná-la tão forte na Alemanha. Imagens e fotos reais da época demonstram a maneira e os métodos que nazismo engendrou para fazer as pessoas acreditarem que através dele era possível embelezar o mundo mesmo que a humanidade passasse pelos mais variados processos de destruição e dor.

Neste filme, o diretor Peter Cohen, consegue montar uma sucessão de imagens que mostram a concepção megalomaniaca criada por Adolf Hitler, onde o nazismo era sinônimo de pureza e de harmonia e seu objetivo era construir uma nova Alemanha, mais forte e bonita. Através dos hinos, dos desfiles, onde havia uma grande cenografia envolvida, o Fuhrer tinha em suas mãos o poder de ator principal, diretor e cenógrafo. Ele colocava em prática algumas das propostas do compositor alemão Richard Wagner, um antissemita que cultuava o legado nórdico, a pureza das raças e fazia idolatria ao sangue puro. Uniformes, bandeiras e comícios de proporções gigantescas tomam conta do dia-a-dia do povo alemão, e Hitler se torna o verdadeiro arquiteto da destruição, onde melhor se evidencia o contraponto que lhe é inerente: Destruir para Construir. Com extrema fixação pelos ideais da antiguidade clássica, Hitler denomina a arte moderna então vigente na época como degenerada e “repagina” a arte clássica para servir aos seus próprios ideais.

Com o intuito de purificar nação alemã, os que não mereciam estar nesta sociedade nazista deveriam ser exterminados. Assim, o filme relata e mostra como começou a “limpeza” desta nova Alemanha, onde as pessoas doentes e deficientes físicos e /ou mentais foram perseguidos, levados para manicômios, onde eram submetidos a experiências como a lobotomia para enfim serem mais tarde mortos. Este processo de purificação da Alemanha, teve seu ápice com a Solução Final, elaborada por Hitler, termo que se define em si mesmo, quando, nos últimos anos da Guerra houve o maior genocídio de judeus na história bem como de milhares e milhões de pessoas de outros países (8 milhões de russos) que combatiam o nazismo no mundo.

Outro aspecto igualmente importante da Arquitetura da Destruição, foi o do III Reich ter sido o governo das grandes construções, prédios imponentes, monumentos e estádios de estruturas semelhantes à arquitetura grego-romana, feitos pelo arquiteto oficial do Partido Nazista, Albert Speer, fazendo o binômio verso e reverso, destruição/construção, destruir, aniquilar, matar para trazer o puro, o belo, o grande e o perfeito.

2. Análise de Imagens

Para melhor desenvolvermos o objeto de nossa análise nesse trabalho, selecionamos alguns cartazes de época que veiculam conteúdo de propaganda nazista com o intuito de esclarecer um pouco mais sobre o funcionamento de um dos mais importantes veículos de comunicação da máquina nazista nas mãos de Goebbels e do Partido Nacional Socialista Alemão, procurando trazer à tona alguns métodos pictóricos e ferramentas de persuasão através dos signos utilizados para propaganda.

Inicialmente, devemos justificar o processo de escolha dos cartazes selecionados, se existem aspectos em comum, qual é a sua narrativa, o seu conteúdo, além dos aspectos pictóricos da própria imagem, como forma e cor. Para desenvolver estes critérios em relação aos cartazes, usaremos o método associativo entre as composições, aspectos cromáticos e outras relações entre os símbolos utilizados assim como o público alvo que pretendiam atingir.

Por isso optamos por imagens relativamente simples que traduzem imediatamente o conteúdo ao qual se dedicam a transmitir, atendo-se, portanto, ao modo mais simples e objetivo da imagem. Porém interpretá-las, requer outros conhecimentos e estudos. Para entender os sentimentos daquela época é necessário voltar no tempo, porque estas imagens propagam valores intrínsecos ligados aos princípios totalitaristas no âmbito daquele momento.

O conceito de imagem não se revela como mera reflexão de conteúdo histórico. Muitos aspectos podem ser levados em conta. Essas imagens que analisaremos são referências, documentos de uma passagem histórica e real, evidências das promessas e perigos da Utopia Nazista, dirigidas ao povo alemão.

Em tese, qualquer imagem como propaganda, principalmente se analisarmos aquelas compostas para demonstrar poder, seja da época da Grécia Antiga ou da Roma dos Césares, seja nos dias de hoje, o intuito principal é transmitir um ideal de pureza, poder e glória. A personificação, a ideia de culto aos reis, generais, ditadores quando vistos e postos como santos, salvadores do povo e da nação, são utilizados para personificar o eu idealizado. Com esse fim, são utilizados elementos próprios como a virilidade e a juventude para salientar o caráter atlético bem como outros aspectos teatralizados usados nas imagens, nos comícios e reuniões. O intuito é ``mostrar indivíduos como encarnações de ideias e valores``, como resume Peter Burke em seu livro Testemunha

Ocular, como ícones de poder, sempre de atitude majestosa, postura altiva, trajes ricos, com cenas dos governantes ao lado do povo, estendendo a mão e abraçando crianças.

“Uma solução mais comum para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias ou valores. Na tradição ocidental, um conjunto de convenções para a representação do governante como heroico, na verdade um super-homem, foi estabelecida na Antiguidade clássica.” (BURKE, 2004. Pag. 81)



Figura 1. Es Lebe Deutfchaland!

Fonte: <http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/nazi-party-poster-depicts-adolf-hitler-bearing-the-german-news-photo/84358262>

No cartaz acima é possível atribuir o conceito de ideal romântico que Hitler almejava impor à sociedade alemã. Demonstrar seu poder e força bem como o culto ao individualismo, como explica Arnold Hauser em seu livro *A História Social da Arte e da Literatura*, através do conceito platônico da Kalokagathia, do grego **kalos kai agathos**, traduzidas como, o belo, o justo e o verdadeiro. O belo aqui se destaca por ser uma imagem nos parâmetros realistas, onde cores e formas se equilibram no quadro, o justo

pela figura de Hitler, como o justiceiro com o pulso fechado, sendo seguido pelo povo, e o verdadeiro, justificada pela imagem da águia e a luz no topo de sua cabeça. Em primeiro plano temos a figura de Hitler, que segura uma bandeira com a suástica. A águia, símbolo de vitória e majestade sobrevoa a multidão de soldados ao fundo, e há uma luz que deixa a impressão de beatificar o Führer, conferindo uma sensação etérea ao cartaz, revelando a intenção de que a imagem de Hitler é consagrada, podendo ser comparada ao ideal do messias salvador. A inscrição a baixo significa: Viva a Alemanha! O slogan da época. O cartaz foi feito por volta de 1935, por K. Stauber.



Figura 2. Kinder, was wißt ihr vom Führer?
 Fonte: http://www.od43.com/Kinder_Fuehrer_PT.html

Esta é a capa de um livro idealizado para crianças, onde estão contidos ilustrações e relatos sobre a vida de Hitler, escrito por H. Morgenroth e M. Schmidt em 1933. Nesta imagem, vemos a figura de Hitler sorridente, interagindo com crianças bem vestidas e comportadas. Há três símbolos da suástica bem delimitados que chamam a atenção em relação às cores mais discretas do resto da imagem, as que retratam as pessoas e o pano de fundo, destacando-se o vermelho, branco e preto do símbolo nazista. Uma

criança menor, do sexo feminino é acolhida por Hitler, aqui retratado com feições simpáticas. Outras crianças ficam no plano inferior. O nome do livro pode ser traduzido como: Crianças, o que vocês sabem sobre o Fuhrer? . As palavras Crianças e Fuhrer são intencionalmente destacadas. E este título é o que evidencia o objetivo principal feito pelo livro, mostrar para as crianças alemãs, chamá-las para participar do plano nazista e gostarem deste ideal através de ilustrações e contos. O programa da propaganda nazista feita durante a guerra tinha a intenção de convidar as famílias para participar do regime, e aqui isto fica claro, levando as crianças a conduzirem seu pais a acreditar que a figura de que seu líder era de um homem alegre, gentil e cuidadoso.



Figura 3. Alle 10 Jahrigen zu uns

Fonte: <http://histclo.com/youth/youth/org/nat/hitler/hitlero.htm>

Em 1933, o partido nazista começou a organizar clubes para jovens entre 10 e 18 anos. Os meninos ficavam separados das meninas, e as atividades incluíam esportes, leituras e estudo de musica clássica. Mais tarde estes grupos ficaram conhecidos como a Juventude Hitlerista, de cunho militar. Os meninos eram treinados para a guerra, e as meninas aos cuidados da casa e da família. Neste cartaz se encontra uma imagem estereotipada da típica garota alemã, branca, com traços delicados, com uniforme

também branco, a bandeira do partido atrás, como se a felicidade da menina dependesse deste signo. A inscrição abaixo diz algo como ``todos os de 10 anos venham conosco``, ou seja, simples e direto, todos os jovens após seus 10 anos de idade deveriam se inscrever neste programa educacional ariano. Apesar da tipografia gótica, que de relance não se entende o que significa, soma um estilo elegante ao cartaz, limpo e nobre.

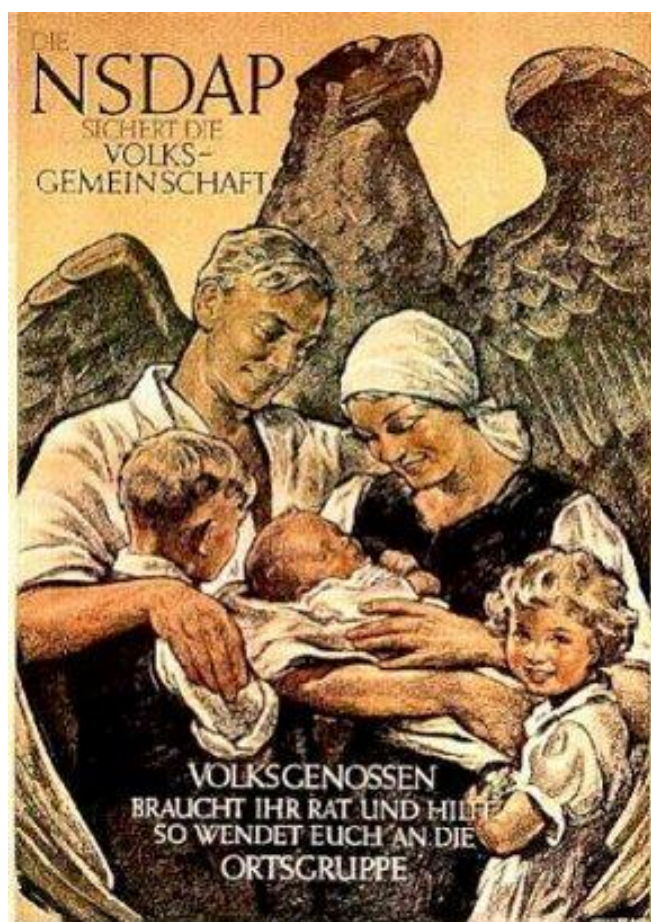


Figura 4. Volksgenossen Braucht Ihr rat uns Hilt so wendet euch an die Ortsgruppe

Fonte: <http://www.loc.gov/pictures/item/2004680176/>

Também é possível perceber tal intuito de persuadir a família alemã com este cartaz acima. Nele, pai, mãe e seus três filhos: uma menina, um menino e um bebê. Seus traços são claros e bonitos, transmitem tranquilidade, delicadeza e felicidade, tudo dentro dos padrões idealizados e sonhados por Hitler. O pai provedor é forte e está ao lado de sua mulher e todos olham para a criança no colo da mãe, porém, somente a menina que está em primeiro plano olha para o espectador, dando a impressão que diz com os olhos que quer mostrar como sua família é perfeita, convidando o a entrar neste mundo, onde, apesar das dificuldades, os pais em trajes que demonstram que são trabalhadores, conseguem criar honestamente três filhos. Além disso, há novamente a imagem da águia,

como a ave rainha dos céus, abraçando a família, protegendo e acolhendo a reunião familiar. Este poster foi realizado pelo artista alemão Ferry Ahrle, em 1940 a pedido da NDSAP.



Figura 5. Nur Hitler. Fonte: <http://www.vads.ac.uk/large.php?uid=26348>

Com uma linguagem estética que nos remete ao estilo Futurista, pelas cores, pelos ângulos retos e pela sequência das três bandeiras, e com o símbolo da suástica que na sua origem significa dinamismo, nos remete a força e vivacidade. Simples, enfático e forte. A tipografia também é seca, na qual diz: Único Hitler. Há na margem esquerda o símbolo da SCHROFF PRINT Augsburgo, principal editora que colaborou com o partido nazista.

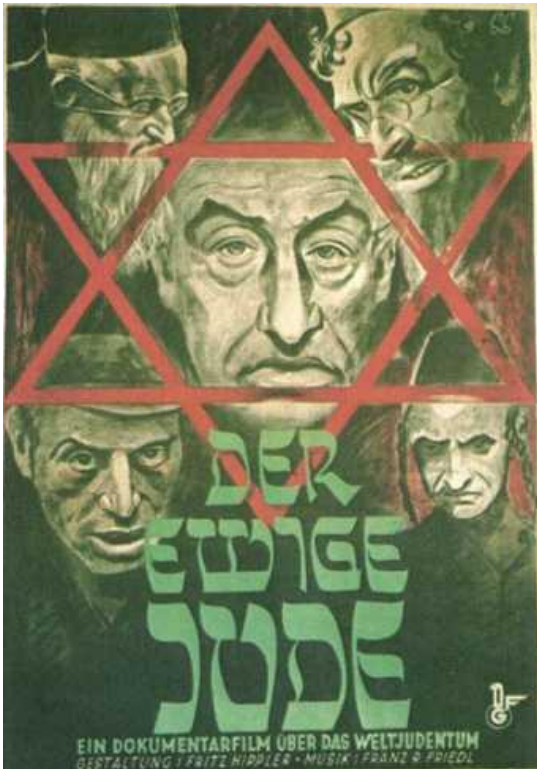


Figura 6. Der Ewige Jude

Fonte: <http://www.beth-shalom.com.br/artigos/fsicom05>.

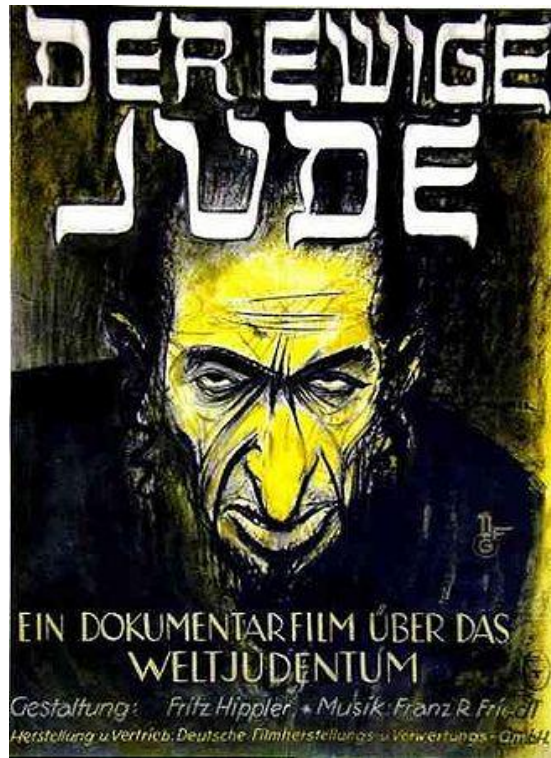


Figura 7. Der Ewige Jude

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:EwigerJudeFilm.jpg>

Acima, dois cartazes do filme O Judeu Eterno, produzido em 1940 pelo diretor alemão Fritz Kippler. Hitler sempre aproveitou a ferramenta de propganda que o cinema proporcionava. Durante o nazismo na Alemanha, foram produzidos cerca de 1350 filmes, entre eles diversos sobre propaganda antissemita e tantos outros glorificando a figura de Hitler, como no filme O Triunfo da Vontade, de Leni Riefenstahl, diretora preferida do Fuhrer.

O Judeu Eterno quer transmitir ódio e repugnância ao povo judeu. O documentario é baseado em imagens dos guetos onde viviam os judeus na Polônia. As técnicas utilizadas, como a fala do narrador que tem o intuito de atestar e enfatizar que as imagens que ali o espectador observava eram reais, e de caráter científico, como mostra os judeus, como parasitas, como uma doença que estava se espalhando pelo mundo. Há imagens de ratos entre as cenas, certificando assim, que os judeus deviam ser exterminados como pragas.

Os cartazes deste filme e de outros, em si, já demonstram um apelo ao grotesco. De cores escuras, de traços rústicos, os rostos dos judeus são esteticamente classificados como feios e sujos, com ares de perigo, como monstros doentes. A tipografia que

designa o título é arábica, e abaixo tem a inscrição: Um documentário sobre o mundo do Judaísmo.

Como no filme homossapiens 1900, o judeu é retratado como inferior, sujo, doente, mesquinho, indigno de viver em qualquer lugar do planeta. Sua imagem é vinculada as pragas, ao medo, e assim, o povo alemão era submetido a estas imagens.

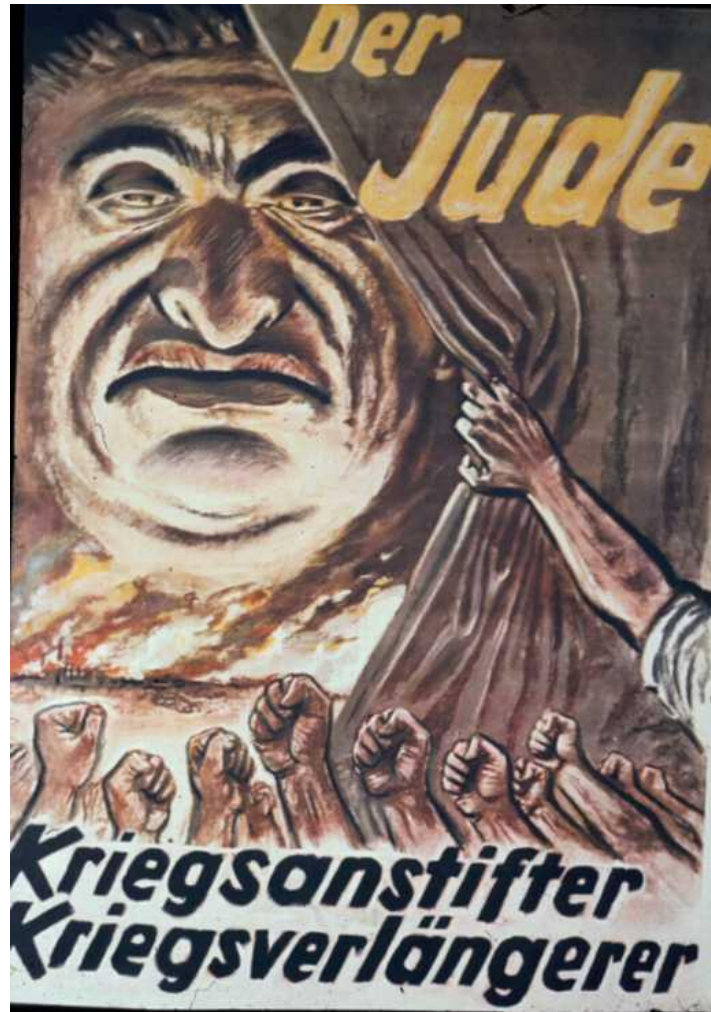


Figura 8. Der Jude, Kriegsanstifter, Kriegsverlängerer

Fonte: <http://www.loc.gov/pictures/related/?fi=name&q=Mj%C3%B6lnir%2C%201901-1980>

Nesta mesma linha de propaganda antijudaica, temos este panfleto que foi distribuído pelas ruas durante todo o ano de 1940. A ênfase do cartaz é acusar os judeus como agitadores de guerra, e culpa-los por perpetua-la, mostra-os como um povo belicista, como monstros corruptos que tem a intenção de dominar o mundo. O desenho dos punhos levantados estão representando a nação Alemã, considerando que o povo unido consegue vencer o mal. O rosto do judeu é retratado como uma figura de caráter grotesco, seu olhar penetra o espectador. O desenho é do artista Hans Herbert

Schweitzer, mais conhecido como Mjolnir, que foi um dos principais caricaturistas do Partido Nazista.



Figura 9. "Nicht spenden, Opfern"

Fonte: <http://herb.ashp.cuny.edu/items/show/1198>

Este cartaz de 1930 pode ser traduzido como: "Não desista, sacrifique". Feita para a Winterhilfswerk (Winter Aid), instituição de caridade do Partido Nazista, decididamente passa a mensagem a qual esta embuida, deve-se realizar um sacrifício, apesar deste nem sempre ser voluntário, e com o suporte deste e outros cartazes de mesmo cunho, arrecadar dinheiro, facilitou a ascensão do partido. Apesar do estilo do cartaz ser graficamente parecido com a Bauhaus, modernista e de vanguarda, alguns anos depois Hitler considerou a arte moderna como "degenerada", e os cartazes em geral foram substituídos por estilos mais realistas.

3. Considerações Finais

Dentro do amplo arcabouço do material estudado, composto por uma gama variada de fontes, foi possível estabelecer de modo resumido o pano de fundo que alicerçam as balizas históricas, sociais e ideológicas das forças atuantes naquele momento histórico, o Nazismo, onde uma determinada elite tinha o desejo de construção de um novo Estado onde haveria hegemonia de um ideal utópico levado às últimas consequências.

Feito isto, conseguimos analisar o poder das imagens e dos símbolos que foram intensa e variadamente propagados e que se tornaram a principal ferramenta utilizada pelo Nazismo para transmitir suas mensagens.

Ao considerarmos e evidenciarmos o papel da Arte, podemos dizer que ela estava contida e permeava todo o sistema social, político e ideológico daquela época e tomou parte do desenvolvimento da supremacia da elite com suas idéias nazistas. A arte estava no contexto da literatura, do cinema, das comunicações via rádio, jornal e revistas, e principalmente através dos cartazes e panfletos. Porém, podemos observar de modo paulatino, que quando a arte se vê vinculada ao programa da propaganda, deixa de ser meramente arte e funciona também como parte da máquina para doutrinar as massas. Hitler, com o apoio de Gobbels e seu Ministério da Propaganda, conseguiram fazer uma operação de mistificação ideológica, construindo e difundindo ideias de antissemitismo e defendendo a supremacia da raça pura ariana além de incitar e levar seu povo à guerra e propagar diametralmente a ditadura frente a maioria das nações do mundo.

Afinal, acabamos por nos defrontar, sem dúvida, com um grande paradoxo, um binômio intrinsecamente excludente e includente, onde arte, beleza e perfeição se confundem com a própria destruição. Mostramos que o belo tem também o poder de encorajar o mal, ser um dos principais artífices da Comunicação para expandir os ideais do totalitarismo nazista. A propaganda de guerra utilizou-se de meios artísticos para atrair a atenção da humanidade para seus objetivos e regras, veiculando os conteúdos subjacentes ao pictórico e ao estético daquilo que consideravam idealmente e puramente belo conseguindo criar uma das maiores engrenagens dessa ideologia fanática.

Referências:

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém, Um relato sobre a banalidade do mal.** Hannah – Hannah Arendt; tradução José Rubens Siqueira. - São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001

WYKES, Alan. **Goebbels.** Rio de Janeiro, RJ.: Editora Renes Ltda, 1975.

Obras Consultadas:

ARENDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da filosofia.** São Paulo: ed. Leya, 2012.

RIDING, Alan. **Paris, a festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4;** 1 edição; São Paulo: Companhia das Letras, 2012

Filmes Consultados:

ARQUITETURA da Destruição. Direção de Peter Cohen. Narrado por: Bruno Ganz. Título Original: Undergångens Arkitektur. Ano: 1989. Duração: 1 DVD, 121 min. País de origem: Suécia.

CHAVE de Sarah. A. Direção de Gilles Paquet-Brenner. Título Original: Sarah's Keys. Ano: 2010. Duração: 1 DVD, 111 min. País de origem: França

SOLUÇÃO, Final. A. Direção de Robert Young. Título original: Eichmann. Ano: 2007. Duração: 1 DVD, 100 min. País de origem: Hungria / Reino Unido

CONSPIRAÇÃO. Direção de Frank Pierson. Título Original: Conspiracy. Ano: 2001. 1 DVD. Duração: 96 min. País de origem: EUA / Inglaterra.

Endereços eletrônicos:

Homossapiens 1900. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3ZzAJrLHt-U> (acesso em Março de 2013)

O Eterno Judeu. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=YE7_IBP6mKM (acesso em Março de 2013)